

A RESTAURAÇÃO

REDACÇÃO

Séde social da empresa

Rua de D. João I, 13—1.º andar
GUIMARÃES

SEMÁNARIO CATHÓLICO

PROPRIEDADE DA EMPRESA DE «A RESTAURAÇÃO»

Director e administrador — Antonio Luis da Silva Dantas

ADMINISTRAÇÃO

Officinas de composição e impressão

Typographia Minerva Vimaranense
Rua de Payo Galvão

A questão religiosa em Hispanha

Eiz um assumpto que está preocupando grandemente as atenções do mundo, e que bem mostra a falta de tino politico que costuma caracterizar os liberaes avançados. Daremos da questão alguma ideia, segundo uma interessante correspondência de Madrid.

O ministério presidido por Canalejas, antes de se apresentar às câmaras, quis dar aos anticlericaes um penhor das suas disposições; e o ministro do interior publicou um decreto, em que recordava a obrigação, quanto às congregações religiosas precedentemente autorizadas pelo governo, de apresentarem aos alcaides o documento da sua auctorização; e, quanto às não autorizadas, de pedirem auctorização mediante a justificação dos seus titulos canonicos. O decreto dispôo aliás que, no mais, as ditas associações ficam sujeitas ao direito commum.

A importância deste decreto está principalmente no seu preâmbulo, onde se diz que o desenvolvimento das ordens religiosas em Hispanha é excessivo e que a immensa maioria do país pede a redução do seu número e que o governo está disposto a obter essa redução pelos meios mais apropriados.

Mas é tam falso que o país exija uma politica de perseguições e vexações contra a Igreja, que o governo, nem nas eleições municipaes, nem nas provincias, nem nas legislativas, julgou dever precisar a sua politica religiosa. Pelo contrario, quando corriam boatos de ruptura e de difficuldades com Roma, o presidente do conselho apressava-se a desmentir-los e a afirmar o seu desejo de proseguir as negociações no melhor espirito de respeito e de concórdia. Até os candidatos de Canalejas pediam aos bispos o apoio dos catholicos, quando se viam postos em perigo pelos radicaes. Até alguns dos mesmos candidatos republicanos, muitas vezes franco-maçoes ou protestantes, percorreram a sua circumscripção acompanhados dum padre, protestando o seu respeito para com as crencas religiosas dos seus concidadãos. Tal é o estado dos espiritos no país. Mas hoje attribuem-se-lhes as disposições que se querem.

Quanto ao fundo da questão, as congregações religiosas — seja ou não julgado excessivo o seu número — são autorizadas pela concordata de 1851 e pela constituição. E é necessário que os liberaes tenham perdido a memória politica, para criticar hoje a concordata que affirmou o throno de Isabel II.

Ora ha na concordata um artigo famoso, que desde cincoenta annos têm feito correr ondas de tinta e de eloquência e que ainda alimentará discussões futuras. Para se comprehender alguma coisa da questão, é preciso conhecê-lo. E' o artigo 29.

«Para que em toda a península haja número sufficiente de ministros e missionários evangélicos, que possam auxiliar os bispos, indo em missão para as populações das suas dioceses, ajudando os

parochos, assistindo aos enfermos e occupando-se das obras de caridade e utilidade pública, o governo de sua majestade tomará as disposições necessárias para estabelecer, onde houver necessidade, depois de previamente se entender com os prelados diocesanos, casas de congregações religiosas e de S. Vicente de Paulo, de S. Philippe de Nery e *doutra ordem* das approvadas pela Santa Sé...»

Eiz o ponto litigioso: não quereriam as partes contratantes reconhecer senão tres ordens, em tudo e por tudo, ou dever-se-ha entender que cada bispo tem direito de estabelecer em sua diocese, afora as ordens nomiadamente designadas, uma terceira á sua escolha?

A questão é importante não só porque interessa ao desenvolvimento dos estabelecimentos religiosos nas dioceses, mas tambem porque o artigo 35 da concordata obriga o governo a velar pela subsistência das casas e congregações reconhecidas.

Os anticlericaes sustentam que só ha tres ordens autorizadas. Mas os seus adversários respondem que, se a concordata quisesse reconhecer só tres ordens, as haveria designado todas tres, e que o uso, completando a lei, sempre concedeu aos bispos a faculdade de designarem, para as suas respectivas dioceses, a ordem religiosa mais apropriada às necessidades espirituas dos fieis.

E não ha dúvida de que a verdadeira interpretação é a dos segundos: na concordata, attentas as circunstâncias dolorosas em que ella se fez, fallou-se só de tres ordens religiosas, mas este número entendia-se de cada diocese, e não de todo o reino. E isto é tam certo, que a concordata tem sido interpretada neste sentido por todos os governos que se têm succedido na gerência dos negócios públicos da Hispanha, até com a particularidade de que os ministérios liberaes não ficavam atrás dos conservadores pelo auxilio que prestavam ao desenvolvimento das ordens religiosas.

Bem o mostra, por exemplo, o que se passou na morte de Aphonso XII. Os ministros liberaes concediam às ordens religiosas quantas auctorizações ellas pediam, bem longe de questionar sobre a interpretação da concordata. E foi precisamente o sr. Canalejas, então ministro da justiça, quem concedeu em menos tempo o maior número de auctorizações. Como os tempos mudaram!

Deve notar-se que o artigo 29 da concordata só se refere aos estabelecimentos subvencionados pelo estado. Os outros, que só contam com os seus recursos próprios, são regidos, não pelo direito concordatário, mas sim pelo direito commum. Portanto, para ferir a sua liberdade, seria necessária uma lei de perseguição e obter a adhesão do parlamento e do país.

Uma lei semelhante, aliás annunciada pelo sr. Canalejas em suas entrevistas com a imprensa, viria a ser, segundo o pensar do sr. Maura, ou o prólogo duma guerra civil, ou a occasião dum desastre para o governo.

As promessas feitas pelo sr. Calançjas aos avançados lá se estão realizando com offensa não só da justiça, mas até das leis vi-

gentes. Mas as palavras do sr. Maura tambem vam saindo certas, mostrando que o chefe do partido conservador vê melhor as coisas do que o sr. Canalejas.

E' que os catholicos na Hispanha são um pouco mais catholicos, ao que parece, do que os catholicos portuguezes: obrigam os seus adversários a contar com elles. Ainda o primeiro decreto hostile não fôra publicado, e já o episcopado hispanhol intervinha em péso perante o governo em favor da religião amiaçada.

Ao annunciarem-se novas injustiças, os catholicos organizam-se, e tudo faz prever que a luta contra o ministério vai ser viva. O cardinal Aguirre, arcebispo de Toledo e chefe do episcopado hispanhol, dirigirá os seus esforços. Escreveu aos outros prelados para lhes recommendar que animem os espiritos nas suas dioceses, convocando reuniões públicas e redigindo protestações.

Assim, comprehende-se que as palavras de Maura saiam verdadeiras; comprehende-se que o governo succumba com as suas pretensões pseudo-liberaes; comprehende-se que os catholicos triumphem e façam triumphar as suas legítimas liberdades.

Bem haja o episcopado e os catholicos hispanhoes, que tam bello exemplo estão dando ao mundo: conhecem o preço da liberdade, querem-na e mostram-se dignos della. Bem hajam!

«O entusiasmo começa as revoluções; acompanha-as o delirio; e segue-as o arrependimento.»

De Bugny.

Enorme escandalo do pregador de S. Vicente em Braga

O escripto que, sob esta epigraphe, o sr. P.º Bartholomeu Ribeiro, de Montariol, quis que fosse publicado em *A Restauração* — como se cumpriu no último número —, foi tambem publicado no *Portugal* e na *Palavra*.

Quanto aos leitores de *A Restauração*, ficaram logo desfeitas, com os nossos commentários e desmentidos, as accusações e referências menos verdadeiras que o orador de S. Vicente nos fazia.

Quanto aos leitores daquelles dois grandes diários, exigia o amor da verdade e do nosso bom nome, injustamente offendido, que os esclarecêssemos com as convenientes explicações e desmentidos. Assim o fizemos, pedindo aquelles illustres collegas a publicação do que nos pareceu necessário para restabelecer a verdade.

Se hoje porém voltamos ao assumpto — em que desejáramos não mais tocar —, não é só para consignar nestas columnas aquelles factos, um dos quaes mostra que o sr. P.º Bartholomeu não vê que se anda condemnando a si e aos seus confrades, e o outro que nos não descuidamos dos interesses da verdade e do nosso justo bom nome: é tambem porque queremos archivar mais um documento importante sobre o assumpto. Esse documento é o seguinte, e foi publicado na *Palavra* de terça-feira:

«Tendo-se suscitado na imprensa uma polemica ácerca de palavras proferidas pelo rev. Padre Bartholomeu Ribeiro, na igreja de S. Vicente, em uma pratica feita pelo referido orador por occasião do exercicio do mez de Maria, em 15 do mez passado, e vendo o meu humilde nome, como capellão da mesma igreja, envolvido nesta questão, venho para esclarecimento da verdade, narrar o succedido com a maior singularidade.

«As palavras, que ouvi ao orador, foram pouco mais ou menos as seguintes:

«E' hoje um dos dias mais solemnes em que a Igreja commemora a descida do Espirito de Verdade sobre Pedro, apóstolos e seus successores mas não sobre os que rodeiam, famulos ou creados, jornalistas, politicos... continuando a falar sobre a oração; assumpto, que no domingo antecedente, disse, se occuparia neste dia.

«Não dei qualquer signal ou fitei o orador com indignação ao ouvir aquellas palavras, nem tomei qualquer attitudes, que o obrigassem desde logo a mudar de assumpto, nem notei que as palavras do orador produzissem entre os assistentes algum escandalo, a que na imprensa se tem alludido.

«Foi esta mesma informação, que dei por escripto ao rev. sr. Padre Antonio de Santa Maria, do Instituto Missionario Portuguez, por me ter sido pedida.

«Pela publicação d'estas linhas se confessa muito grato o que é

De V., etc.,

Braga, 15—6—910.

«Padre Alberto Freitas de Carvalho.»

Ora nós affirmáramos que o exórdio publicado pelo sr. P.º Bartholomeu na imprensa é supposto; disséramos que as accusações feitas em *A Restauração* sobre o assumpto, sem terem a pretensão de reproducção verbal, exprimiam substancialmente o pensamento do orador; e estranháramos que o sr. P.º Bartholomeu, que appellava para o testemunho do digno capellão em coisas mínimas, não appellasse tambem para elle quanto ao facto fundamental. Ai têm agora os nossos leitores a plena confirmação dos nossos dizeres e informações.

E' falso pois que o sr. P.º Bartholomeu proferisse o exórdio em que pretendeu dissolver as suas expressões mais ásperas: facto a que, como dissemos em nosso número passado, nos abstemos de fazer commentários, porque todos lhos podem fazer, e elle, só por si, diz tudo.

As outras affirmações do digno capellão de S. Vicente tambem estão em perfeito accôrdo com as informações dadas por *A Restauração* na correspondência publicada em 25 de Maio, á qual o sr. P.º Bartholomeu tentou responder com o seu artigo; porque:

1.º Quanto ao escândalo, para o haver, e até enorme, não era necessário que o rev. capellão o pudesse notar. O escândalo não é bulício nem agitação exterior: é «offensa do ânimo causada com mau exemplo, com palavras obscenas, impias, com obras criminosas, que desedificam e molestam as pessoas de probidade» (*Moraes, Dicionário da Lingua Portuguesa*); é «factum (uel dictum, uel non factum) minus rectum, praebens alteri occasionem peccandi.» (*Ex D. Th., 2, 2, 43, 1.*) Esperaria algum que nós tomássemos a palavra *escândalo* num sentido que lhe não reconhecem os dictionários da lingua nem os moralistas christãos? — E' certo que nem todos os ouvintes attingiram todo o alcance das palavras

do prégador; nem o podiam attingir sem estar sufficientemente iniciados nos acontecimentos a que elle tam inconvenientemente alludia. Muitos apenas perceberam — e sabemos-lo com toda a certeza — que o sr. P.º Bartholomeu quis dar um chá aos que têm combattido os erros e desmandos dos religiosos de Montariol.

2.º Quanto a attitudes do digno capellão, que obrigassem o prégador a mudar de assumpto, nunca *A Restauração* deu informações sobre esse ponto.

3.º Quanto ao facto de o rev. capellão fitar «o orador com indignação», nunca tambem *A Restauração* disse semelhante coisa, tomada aquella expressão no sentido que evidentemente ali se lhe dá. Disse sim que o rev. capellão ficou mal impressionado e que o seu olhar traduzia esse estado de alma; o que nos foi assegurado por quem do facto teve conhecimento directo, e cujo opposto seria injurioso para o digno capellão.

Descemos a todas estas minudências para mostrar o escrupulo com que em todas estas coisas procedemos, e não porque julgemos impossivel receber alguma informação menos exacta — que promptamente desmentiríamos —, nem por que liguemos grande importância, para o caso, a taes circunstancias.

O facto essencial, provadissimo, irrecusavel, muito grave, verdadeiramente extraordinário, é que o rev. Bartholomeu Ribeiro exprimiu o pensamento que se lhe attribue e que elle mesmo, apesar de todos os seus esforços empregados na refusão do exórdio, não logrou encobrir. E é isso o de que se trata, que não do procedimento do digno capellão de S. Vicente.

«Aquelle que rejeita o escudo da religião, acha-se sem defesa no momento do combate.»

Bossuet,

JUSTIÇA!

Causou sensação no publico serio e honesto que nos lê, a transcripção que fizemos do officio incorrecto, insultuoso e baixo, com que o subinspector Snr. Justino Ferreira respondeu a uma reclamação cordata e respeitosa que, em officio tambem, lhe havia dirigido a professora Miranda de Barros.

Tal documento, que dá a medida do caracter do funcionario publico que o subscreveu, é a prova provada do que temos dito. Só um homem obcecado pelo odio e sem a mais rudimentar noção de respeito por si mesmo e pelas conveniencias sociaes, seria capaz de dirigir a uma senhora honesta, casada e mãe de familia, uma affronta igual áquella. Não sabe o subinspector e ignorará uma parte dos leitores, qual foi o procedimento magnanimos, heroico, da professora insultada; mas vamos nós dizer-lho, para pôr em evidencia a nobreza de alma dessa pobre senhora tam vilmente perseguida:

Reprimindo no seu coração a dôr e a vergonha do insulto, empregou todos os meios, desde a

supplica ás lagrimas, para conter seu marido nos limites da prudencia, para evitar que o pae de seus filhinhos obedecesse ao natural impulso num homem honrado de dar ao insultador de sua esposa o correctivo merecido!

Fez bem? fez mal?

Ha opiniões differentes. Em nosso entender procedeu muito bem, porque, sempre dentro da legalidade, ha-de um dia ser-lhe feita justiça, e evitou nova e maior desgraça visto que seu marido, castigando com razão, seria louvado, é certo, pela opinião, mas teria de pagar o homenzinho por um preço superior ao que elle vale.

Dê o snr. Justino Ferreira graças ao bom senso e generosidade da sua victima, que, apesar de tudo, contribuiu para manter a integridade das costellas do seu superior e, se só agora sabe o favor que lhe deve, faça *amende honorable* se na sua alma ha lugar para o reconhecimento...

Promettemos analysar detidamente certas passagens do *officio-punhal*, mas não é ainda occasião opportuna. Fa-lo-hemos quando entrarmos na apreciação do modo como o subinspector snr. Justino Ferreira tem desempenhado as suas funcções neste e noutros circulos, e dos precalços que têm acontecido a s. ex.^a. Temos já tantos elementos para a historia deste funcionario exemplar, que a nossa obra dará um grosso volume.

Continuamos, pois, narrando sómente os factos que dizem respeito á perseguição feita á professora Miranda de Barros, para que não haja confusão.

Em presença da insultuosa provocação, a professora, convicta de ter sempre cumprido os seus deveres de educadora e de não ter na sua vida, tanto publica como particular, qualquer falta digna de censura, fez, como toda a gente que pode erguer altivamente o rosto sem receio de que lhe apontem manchas ou más acções: Requereu uma syndicança aos seus actos e á sua escola.

Este procedimento da professora contrariou e fez *rabi* o subinspector que, esperando da parte della um acto de insubordinação que lhe desse ensejo de vibrar o *golpe de misericórdia* sobre a victima imbelles, previu com razão que uma syndicança mudaria as *settas em grelhas* e traria a lume muitos actos escandalosos, verdadeiros crimes de subordinados seus a quem s. ex.^a cobre com a sua protecção de amigo particularissimo.

Por isso quando a syndicança, pedida em maio de 1909, foi decretada em agosto, logo um jornal, *A Educação Nacional*, de que o snr. Justino Ferreira é collaborador, começou uma campanha de descredito contra o syndicante, dizendo-se nesse jornal que o syndicante fôra escolhido a dedo para enterrar o subinspector de Guimarães, etc., etc.

Ora esse syndicante era o snr. Bento José da Costa, character integro e funcionario exemplar, que inquiriu dezenas de testemunhas pró e contra a professora.

No seu relatório, baseado em provas irrefutaveis e documentos honrosissimos para a professora Miranda de Barros, consta que elle propunha a transferencia do snr. Justino Ferreira por incompatibilidade com a maior parte dos seus subordinados.

Juntos a esse processo, que altas influencias têm abafado até hoje, estão os seguintes documentos, que illibam a professora de todas as falsas accusações que o subinspector lhe fizera:

a) Abonatorios do comportamento particular e official:

Atestado do subinspector Ramos Paz. Atestado do Administrador do concelho de Guimarães. Atestado do Administrador de Lustosa—Louzada, onde ella ser-

viu tres annos, vindo por concurso para Guimarães. Declarações honrosissimas do actual Bispo do Algarve, que ao tempo era Abade de Lustosa. Cartas do ex-commissario dos estudos do Porto e Braga, Dr. Illydio do Valle, etc.

b) Confirmando a impropriedade da casa da escola, que deu logar ao conflicto entre a professora e o subinspector:

Declaração do Sub-delegado de saúde. Abaixo assignado dos paes das alumnas. Declaração da Junta de Parochia. Declaração do Administrador do Concelho. Officio da Sociedade Martins Sarmento, documento de alto valor, pela categoria da benemerita Sociedade que tanto tem feito pela instrucção deste concelho. Atestado do venerando D. Prior da Real Collegiada, que por si só dispensaria qualquer outra prova da dignidade e competencia da professora.

Como se vê, o resultado da syndicança só podia ser favoravel á professora, que desfez todas as accusações feitas pelo subinspector.

Mas a protecção que o snr. Inspector do Districto dispensa ao snr. Justino Ferreira conseguiu que não houvesse procedimento superior.

Fez-se o que é corrente e vulgar no nosso país: poz-se pedra em cima do relatório do syndicante, por que não se toca em afilhados...

Em sessão de 20 de agosto de 1909, da Camara alta, o digno par do reino snr. Francisco José Machado, interpellou a este respeito o então ministro do reino snr. Wenceslau de Lima e pediu copia do relatório e de varios documentos appensos.

Foi respondido ao digno Par, que fôra nomeado outro syndicante e que o processo estava em seu poder desde julho desse anno.

Note-se, que o decreto nomeando o novo syndicante foi publicado em setembro e já em julho tinha o processo em seu poder!

Era, pois, preciso ao subinspector dispôr as coisas para evitar ser completamente e de novo desmascarado perante a Direcção geral e por isso, segundo consta, não se hesitou em offender a verdade, fazendo confidencialmente para a Direcção accusações á professora Miranda de Barros, que, se realmente existem, sam verdadeiras calumnias, infamias que só um espirito diabolico e uma alma perversa podem inventar.

E' tam repugnante o que nos dizem haver-se praticado, que a pena se nos recusa a reproduzi-lo.

Somos porém obrigados a reagir contra as nauseas que o assumpto nos provoca. Principiamos, iremos até ao fim.

Arregacemos as mangas e peguemos no primeiro trapo immundo, dos muitos com que, traiçoeiramente, se pretendeu sujar a reputação de uma senhora honrada e honesta.

Ei-lo:
A' Direcção Geral de Instrucção parece que subiu um officio em que a professora D. Maria da Conceição Miranda de Barros é accusada de—*quando solteira viver escandalosamente amancebada com o homem que hoje é seu marido e haver tido delle alguns filhos antes de casar.*

Infamia! infamia!

Ex.^{mos} Snrs. Ministro do Reino e Director Geral de Instrucção Primaria: Pela nossa honra de cidadão e de official do exercito sem uma nodoa na nossa vida, affirmamos aqui a V. Ex.^{as} que tal accusação é uma calumnia infame! E' o producto asqueroso de uma alma odienta que esvurma o pus da vingança ignobil.

A professora Miranda de Bar-

ros é natural deste concelho e conhecida por toda a gente delle.

Não ha um homem de character em Guimarães, que não faça justiça ás qualidades de honestidade e honradez desta senhora!

Se é verdade que no processo existe essa infame accusação; se houve alguém que, faltando a todos os deveres da dignidade e da consciencia e da probidade profissional e do mais rudimentar sentimento de honra inventou tam torpe calumnia, esse alguém, se é funcionario publico, deve, a bem da moralidade e da justiça, ser demittido immediatamente.

Custa-nos a crer que a cegueira do odio levasse a crime tam repugnante um funcionario.

Mas, infelizmente, os factos levam-nos á convicção de que seja verdade tal monstruosidade.

A professora Miranda de Barros, sem ser ouvida como manda o § unico do art. 49.º do decreto de 24 de dezembro de 1901, foi suspensa por *estar incurso* do art. 50.º do mesmo decreto.

Este artigo diz:—«Quando algum professor ensinar doutrinas contrarias á religião do Estado, á moral e bons costumes e ás leis do reino, ou houver committido qualquer delicto infamante ou gravemente escandaloso, será suspenso, etc.

O artigo 49, no seu § unico diz:

«Todas estas penas (suspensão, transferencia e demissão) sam impostas pelo Governo, precedendo parecer fundamentado do Inspector da Circunscripção escolar e **audiencia do accusado**, cuja defesa por escripto e prova documental e testemunhal é admitida».

Não podia a professora ser accusada de qualquer dos delictos constantes da primeira parte do art. 50.º, visto que nunca o subinspector teve ensejo de a admoestar por qualquer falta committida no exercicio das suas funcções escolares.

Logo, temos de admitir a existencia daquella accusação repugnante e infame!

Mas o Regulamento da Instrucção Primaria manda no art. 155.º que as penas de suspensão e demissão sejam applicadas precedendo processo que faculte aos arguidos o direito de defesa e o § 4.º do art. 156.º manda que do processo de accusação seja dada vista ao accusado.

E mais: o § 9.º do art. 156.º diz que o processo será analysado pelo Inspector o qual propõe a condemnação ou absolvição do arguido e, propondo a condemnação, indica ao governo a pena que deve ser applicada.

Mas o § 10.º diz que o processo em que seja proposta a pena de suspensão por mais de trinta dias, transferencia ou demissão, será submettido á consulta do Conselho superior de instrucção publica e essa pena só pode ser imposta com o voto affirmativo do mesmo Conselho.

Mas a professora Barros foi suspensa por tempo indeterminado, sem que se cumprissem os preceitos da lei e sem ter conhecimento da accusação que lhe é feita e, o que é mais grave, sem que o Conselho superior tivesse conhecimento do processo (!) pois que a suspensão foi imposta por effeito, cremos, do relatório apresentado pelo segundo syndicante snr. Dr. Augusto Alves dos Santos.

Sabemos que este senhor não syndicou cousa alguma, nos poucos dias que por aqui esteve em convivencia intima com o subinspector, hospedado na mesma casa e passeando sempre juntos como velhos amigos.

Sabemos que s. ex.^a não ouviu testemunhas, não interrogou a professora Miranda de Barros, nem lhe deu conhecimento das accusações que lhe eram feitas para apresentar a sua defesa.

Se o seu relatório é o que por aí se diz e alguns jornaes já affir-

maram, tambem nós affirmamos que s. ex.^a fez obra pelas informações do subinspector e do seu *espirito santo de orelha*, secretario particular em processos escuros, de que havemos de tratar.

Sabemos muita coisa!

O que não se sabe nem tem explicação é como a professora foi suspensa sem o voto do Conselho superior, cujos membros declararam ignorar tal facto, e como para impôr essa suspensão injusta se saltou por sobre todos os preceitos da lei, sem que a professora accusada saiba que falta *infamante e escandalosa* commetteu!

Pereira do Paço.

«Não depende de nós o não sermos pobres; mas depende sempre de nós o fazer que a nossa pobreza seja respeitada.»

Voltaire.

Peregrinação a Lourdes

A devoção á Virgem Immaculada tem sido em todos os tempos um dos mais bellos florões da piedade portuguesa. E, então, em Guimarães, reveste a devoção á Mãe de Deus um cunho tam particular, sam tam fundas as raizes que ella tem lançado, que, pôde dizer-se, não ha terra no país que mais se lhe avanteje nas demonstrações do amor á gloriosa Rainha dos Anjos e dos homens.

Se fosse preciso haver a prova desta affirmação appellariamos de bom grado para as numerosas associações aqui estabelecidas sob a sua égide, para as piedosas e solemnisimas festividades tam frequentemente promovidas em sua honra e para as peregrinações que todos os annos sobem a formosissima montanha da Penha e ali, com um enthusiasmo e com um ardôr, que arrancam lagrimas aos olhos e deixam na alma as mais suaves impressões, aclamarem a Virgem *toda bella e sem mancha* e impetrem as suas bençãos.

Sam factos que todos vêem, que os verdadeiros apreciam com affecto e que os cegos voluntarios se atreveriam a negar.

Sendo assim, é de esperar que, realizando-se, em agosto proximo, uma peregrinação portuguesa, á gruta de Massabielle, aos Pyreneus, haja muitos vimaranenses que, aproveitando o ensejo duma viagem facil e barata, vam ali prestar os seus obsequios de amor e de devoção á Virgem de Lourdes e contemplar o bello espectáculo de fé e os prodigiosos factos de curas miraculosas, que lá se ostentam aos olhos de todo o mundo, manifestando o poder e as ineffaveis bondades da Mãe de Misericórdia.

A Lourdes, vimaranenses!

A inscripção pôde fazer-se nesta cidade dando os nomes ao Rev. João Antonio Ribeiro, do Seminario-Lyceu, que tambem se encartega, a pedido da commissão de Braga, de receber a importancia dos bilhetes da viagem e da hospedagem em Lourdes.

Se a inscripção se fizer desde já poderám as pessoas de Guimarães viajar juntas no mesmo wagon e até no mesmo compartimento, se assim o quizerem.

«Aprende a viver bem, e bem saberás morrer.»

Confúcio.

A PEREGRINAÇÃO A' PENHA

O que foi o imponente cortejo religioso, que no dia 19 saiu de Guimarães, em direcção á Penha, a prestar homenagem de viva crença e acrisolado amor á Virgem

Immaculada, como acto de desagravo pelos insultos soêzes que uma cafila de atheus ousaram dirigir á Mãe de Deus, já todos ou quasi todos os nossos collegas de imprensa narraram proficentemente.

Pouco podemos, pois, dizer, que não seja sabido já pelos nossos leitores.

Todavia, muito ligeiramente, vamos tentar descrever não só o acto em si, mas tambem — e só pallidamente o poderemos fazer — a funda impressão que ficou em nosso espirito da mais gloriosa jornada que em nossos dias temos feito.

Sam 5 horas da manhã e nota-se já nas ruas da cidade um movimento desusado de gente vinda dos suburbios, trajando os seus fatos de dias solemnes. Centenares de grupos, empunhando bandeiras, dirigem-se alegremente para o largo da igreja dos Santos Passos.

Ao nascente, por detrás da Montanha Santa, uma larga faixa rubra annuncia a chegada do astro rei, que promete tudo abrasar com os seus raios. 'Aquella hora a temperatura é já elevada; mal se respira. O que será quando o sol, beijando a fronte majestosa de Pio IX, que lá no alto da Penha recebe a sua primeira luz, enviar seus raios ardentes pela encosta que vamos subir?

Mas ninguém pensa no que será a difficil ascensão!

A' Penha! A' Virgem de Lourdes! E' o grito que echôa como clarim de guerra em dia de batalha!

E que batalha! e que victoria!

Cinco a seis mil almas, fortes pela Fé, encorajadas pela crença e impellidas por um santo sentimento de desafronta e desagravo da Santissima Virgem, vam trepar a ingreme montanha, não com o ar guerreiro de quem precisa sangue e massacre, metralha e dynamite para prostrar os inimigos sedentes de desordem e anarchia, mas sim com a paz no coração, a alegria no rosto, a piedade no olhar, o recolhimento e a humildade no gesto, esses quatro mil crentes vam entoar hymnos de louvor á Virgem e tapetar de flores a sua gruta!

Hymnos de paz e amor, flores que traduzem a simpleza e alvura das almas crentes!

Que batalha! e que victoria!

Quem ousará denegrir-lhe os louros? Aquelles discolos que, inconscientes, sujam a bocca proferindo blasphemias e mancham as mãos escrevendo insultos?

Ah! Nada podem esses miseraveis contra a Fé dum povo que assim se manifesta religioso e crente.

A's 6 horas o vasto Campo da Feira está cheio de gente. Corporações civis, congregações religiosas, operariado das fabricas e povo, muito povo, continua a affluir e começa a organizar-se o cortejo em que se encorporam tres philarmonicas. Bandeiras, estandartes, guiões etc., movendo-se em todos os sentidos, dam ao Campo um aspecto deslumbrante.

Chegam depois as congregações das Filhas de Maria dos Collegios da Sagrada Familia e do Campo da Feira, cujos vestidos alvos de neve, dam ao conjunto uma nota de alegria e pureza que encanta.

Finalmente chegam os alumnos do Seminario, precedidos de uma philarmonica e, passa das 7 1/2 horas, o cortejo põe-se em marcha entoando canticos, que commovem os mais scepticos, se ali os ha.

Não exageramos computando em 4000 pessoas aquella massa enorme composta de gente de todas as categorias sociaes.

A' frente do Apostolado da Oração, vemos, cabeça descoberta, ao lado de humildes operarios, o illusterrissimo dr. Henrique Margaride, figura de nobre destaque no

nosso meio social pelo seu talento, caracter diamantino, acrisoladas virtudes e bens de fortuna.

Nobre exemplo de zelo e humildade christã!

E á frente das Filhas de Maria, com aquelle ar de santa que todos admiramos, lá vai, exposta aos ardores do sol, quem poderia aquella hora repousar em fofos cochins no seu sumptuoso palacio, a protectora das creancinhas, a desvelada mãe dos pobres, o anjo de caridade, que apparece em toda a parte onde ha dores a mitigar, D. Luiza Margaride, a filha estremecida do Conde, que tantas vezes tem sentado á sua mesa os monarchas de Portugal!

Como é edificante e quanto deve ser grato ao Coração da Virgem Immaculada o procedimento christão dos grandes da terra, que assim se exaltam, parecendo aos impios que se humilham!

Ah, os impios! Podessem elles comprehender o que ha de grande no procedimento destas e doutras pessoas de qualidade, que no dia 19 deram tam nobre exemplo de caridade christã, e elles, os miseros em fé, seriam amanhã ferrosos catholicos!

Passam os peregrinos através da cidade e as pessoas que das janellas contemplam o grandioso espectáculo, não escondem a commoção que dellas se apodera.

O calor augmenta, a subida torna-se penosa; mas o entusiasmo cresce como por encanto; em cada cruzamento de caminhos novos grupos, irmandades e corporações das aldeias proximas se encorporam na enorme columna.

Os canticos sagrados echoam pelas quebradas da montanha; o estalar de foguetes e o som das musicas sobem pelas ravinhas até ao alto da Penha, onde a torre da Ermida da Senhora do Carmo, engalanada de galhardetes, parece chamar, com acenos de alvos lenços, os visitantes da Virgem!

Que vista soberba, indescriptivel, disfructam as duas mil pessoas que lá de cima, sobre os mirantes e rochedos, contemplam a subida dos peregrinos!

E' uma coisa phantastica! Chega-se finalmente, á casa da machina que eleva as aguas até á gruta da Virgem de Lourdes e faz que a mesma agua brote em formosos repuxos de um effeito surpreendente.

Resolvera a benemerita Commissão dos melhoramentos da Penha, e muito acertadamente, que neste dia memoravel fosse solemnemente inaugurado o melhoramento que ha-de deixar impresso em letras de ouro, na historia da montanha santa, os nomes dos membros da Commissão—: o abastecimento de aguas naquella estancia.

Cabe aqui deixar consignados os louvores de que sam dignos os membros da Commissão e justo é especializar os snrs. dr. Gilberto Pereira, presidente; José de Pina e Abel Cardozo, trabalhadores incansaveis, dedicados até ao sacrificio pelos progressos da sua querida Penha, dedicacão que é producto da fé e do patriotismo de que s. ex.^{as} sam dotados.

Adianta-se para o deposito da agua a Irmandade de N. Senhora do Carmo, e o digno Conego Arcypreste, snr. dr. Moreira, faz a benção das fontes benzendo em seguida o motor, cujo volante se põe em movimento, sendo então levantados vivas á Commissão, ao presidente da Camara, etc.

Retomam a marcha os peregrinos, sempre entoando canticos sagrados, e sam quasi dez e meia horas, quando, no largo fronteiro á capella, principia a missa campal a que toda aquella mole de gente assiste com um devoto recolhimento que commove.

Terminada a missa, faz um bello sermão o rev. Abade de Ayrão, no fim do qual os peregrinos se dirigem á gruta da Senhora de

Lourdes e depõem aos pés da Virgem mimosas flores.

O sol é então ardentissimo. Os peregrinos dispersam, procurando os sitios mais abrigados dos raios do sol e começa então um espectáculo de outra natureza, mas encantador tambem.

Toda aquella multidão, dispondo os seus merendeiros, dá principio a um enorme *pic-nic* digno de ver-se pela alegria que reina entre os peregrinos!

Esses que, em opposição aos bons principios, fallam de *fraternidade* sem a comprehenderem, perderam uma bella occasião de ver como o povo fraterniza quando possuido de sentimentos religiosos! Em um concurso de 6000 pessoas de freguesias differentes e de todas as condições sociaes, não se deu uma altercação, não houve um disturbio, não se ouviu uma nota discordante. E' admiravel!

E' quasi meio dia quando a Commissão, acompanhada dos representantes da imprensa e de muitos cavalheiros de categoria, procede á abertura solemne dos marcos fontenarios.

O presidente da Camara, snr. Abade de Tagilde, faz a abertura do primeiro. As phylarmonicas tocam o hymno nacional e uma prolongada salva de palmas e vivas entusiasticos corôa este acto.

Sam abertas em seguida varias torneiras e boccas de incendio por diversos cavalheiros, e o entusiasmo cresce á medida que a agua crystallina e fresca brota por toda a parte, como por encanto.

Surprehende-nos agra davelmente um jorro de agua, saindo da parte mais alta de um enorme rochedo, elevando-se a 6 ou oito metros para cair em forma de gigantesco pennacho o qual, illuminado pelos raios do sol, é dum effeito phantastico.

Junto á gruta da Senhora de Lourdes foi aberta a agua, que cae em forma de cascata, pela virtuosa presidente da Congregação das Filhas de Maria, a Snr.^a D. Luiza Margaride. Esta prova de consideração dada pelo snr. Presidente da Commissão aquella respeitavel Senhora, foi muito louvada por todos que assistiram ao acto.

A' uma hora da tarde realizou-se um lauto almoço, offerecido pela Commissão aos representantes da imprensa e outros cavalheiros.

Fizeram brindes varios convivas. Sam dignos de menção os discursos proferidos pelos senhores Dr. Gilberto Pereira e Conego Moreira. Brindaram ao Dr. Gilberto Pereira os snrs. P.^o Monteiro, Sousa Junior, P.^o Passos, Abade de Tagilde, P.^o Roriz e P.^o Lima. O snr. Mario Vieira recitou, *estrondosamente* e com impetos de guerreiro da idade media, um trecho que nos parece ter lido algures, em tempos idos... Talvez nos *Logares Selectos*... Não affirmamos, mas temos uma vaga reminiscencia de já termos lido aquillo...

A's 5 horas da tarde teve logar o lançamento e benção da pedra fundamental do majestoso templo, que vai ser erigido no alto da montanha, fronteiro á estatua de Pio IX.

Revestiu este acto toda a solemnidade do ritual.

Nós fazemos votos para que já no proximo anno os fieis possam adorar, no seu novo templo, a imagem da Virgem Santissima.

Commoveram-nos intensamente todos os numeros do programma que estava annunciado; mas a nossa alma vibrou de entusiasmo e de esperanza quando enormes jactos de agua brotaram daquelles rochedos, como uma alvorada de dias de progresso para a Penha.

Ha tres annos fomos ali, pela primeira vez. Ficamos encantado na contemplação do assombroso panorama que se desenrola á vis-

ta dos visitantes. Mas além disso e da belleza agreste da estancia, pouco mais havia a prender-nos a attenção e a alma confrangia-se ao saber que na Penha não havia agua!

Sentimos uma dolorosa impressão de desalento, porque sem a agua, que dá a vida, nada poderia desenvolver-se ali.

Mas no dia 19, em presença do precioso elemento, quando vimos no chafariz, junto da velha Ermida, projectar-se nos rochedos o espectro solar em cores vivissimas, vimos como que desenhado naquellas cores o futuro brilhante e proximo em que a Penha ha de ser a estancia mais graciosa e encantadora de todo o paiz. Na nossa imaginação appareceram-nos frondosos arvores, um parque cheio de sombras e frescura, jardins matizados de mimosas flores, tudo o que encanta a vista e deleita o espirito!

E tudo se realizará. Sam disso fiadores a fé, o patriotismo e a dedicacão dos illustres membros da Commissão de melhoramentos, a quem, com os nossos louvores, consignamos aqui tambem a nossa admiracão.

Mas não basta a boa vontade e os louvaveis esforços da benemerita Commissão. E' necessario que todos os vimezanenses façam um pequeno sacrificio. A subscrição é pequena, quasi nulla, na cidade. Pode dizer-se que quem mais contribue para os progressos da Penha, sam os ausentes, aquelles que além-mar travam a luta do trabalho e nas agruras dessa luta não esquecem a sua terra.

Pois é preciso, é mesmo urgente que os habitantes de Guimarães se compenetrem de que é um dever de todos contribuir, com pouco que seja, para a realizacão do outro melhoramento que falta—transporte commodo e barato para a montanha santa.

Realizado esse melhoramento, está assegurado o futuro da Penha; e Guimarães possuirá a melhor estancia de recreio e hygiene, um verdadeiro sanatorio.

Quem é que, nestes dias de calor ardentissimo, em que mal se respira nesta bacia profunda deixará de, a troco de uns tostões, subir á Penha a respirar um ar purissimo, refrigerar-se com a agua pura e fresquissima, tonificar os pulmões aspirando o aroma balsamico dos pinheiros e das flores? quem deixará de, no fim de sete dias de trabalho e canseiras, ir descansar ali, na montanha privilegiada, e agradecer á Virgem Santa os beneficios recebidos, aviventar a fé em orações fervorosas?

Contribuam os pobres com pequenas quantias, porque *petit à petit fait l'oiseau son nid*; mas reunam-se os homens abastados e tomem a iniciativa de tam grande melhoramento.

A ultima peregrinação deu-nos a certeza de que a crença catholica está profundamente arraigada no coração dos vimezanenses.

Pois bem: juntemos á fé um pouco de patriotismo e emulacão e façamos da Penha o que ella deve ser: um logar de devoção e de recreio para nós, um ponto de attracão para os forasteiros que visitam o Minho ou veraneam nas thermas proximas!

Dos labios do illustre Presidente da Camara Municipal, no banquete da Penha, saiu uma promessa animadora de que aquella corporação contribuiria para os melhoramentos!

Bem haja o illustre Presidente e oxalá que aquella promessa saísse de mais fundo—que não só dos labios—e que s. ex.^a a não esqueça!

No impedimento do Redactor principal, Rev. Leite de Faria, que não pode assistir a uma festa que tam grata seria ao seu coração de intemerato defensor da Fé, tivemos a honra de representar «A Restauração». Em nosso

À PRIMAVERA

Estabelecimento de fazendas brancas e miudezas

—DE—

OLIVEIRA & IRMÃO

Grande e variado sortido de artigos para a presente estação por preços limitadissimos.

Visitem todos a casa Primavera junto á igreja de S. Pedro—Guimarães.

nome e do jornal agradecemos sinceramente penhorado todas as attencões e deferencias de que fomos alvo por parte dos illustres membros da Commissão e muito especialmente do seu dignissimo Presidente snr. Dr. Gilberto Pereira que foi inexcédível em amabilidade.

A s. ex.^a, caracter primoroso, que allia ao talento de homem de sciencia em destaque, elevadas qualidades de coração e que, sem respeito humano, se affirma, como fez publicamente no seu elegante e formoso discurso, catholico pratico por convicção, deixamos aqui a nossa homenagem de verdadeira admiracão, estima e alta consideração.

Temos a felicidade de conhecer muitos homens de sciencia convictamente religiosos e crentes; mas aquelles liberalões que estultamente apregoam que a Igreja catholica é inimiga da sciencia, apontamos como modelo de fervoroso crente a sympathica figura do Dr. Gilberto Pereira, cuja sciencia e talento scintillante ninguem ousará pôr em duvida.

Pereira do Paço.

Noticiario

Romaria de S. Torquato.—E' nos dias 1, 2 e 3 de julho proximo que se realiza a *Romaria grande de S. Torquato*, sem duvida a maior romaria do Minho.

O programma é o seguinte: Dia 1—Primeiro dia da romaria. Grande arraial, musicas, illuminações e fogo á noite.

Dia 2—Vespera da grande romaria. A festa religiosa constará de vespersas, a grande orchestra e sermão. Durante o dia haverá arraial, e á noite festival nocturno com 4 bandas de musica, brilhantes illuminações e fogo do ar.

Dia 3—E' o dia da *Romaria grande*.

A solemnidade religiosa constará de missa campal ás 8 horas da manhã, e missa cantada com exposição do Santissimo e sermão ás 11 horas.

Pelas 5 horas da tarde sairá a imponente procissão onde irám incorporados ricos carros e formosos coros.

A' noite um grandioso festival com brilhantes illuminações, fogo de artificio dos mais afamados pyrotechnicos, musicas e descantes populares.

Em accão de graças.

—Antonio Fernandes da Silva Braga, e sua familia, mandaram celebrar uma missa no altar de Nossa Senhora da Oliveira, e outra na Capella da Senhora da Guia, em accão de graças por aquelle snr. ter ficado illeso do attentado de que esteve para ser victima, na tarde do dia 10 do corrente mês.

Circulo Catholico.

—Hontem, pelas 2 horas da tarde, sob a presidencia do snr. dr. Augusto José Domingues de Araujo, reuniu a assembleia geral do Circulo Catholico S. José

e S. Damaso, desta cidade, para discutir e approvar o relatório e contas da direcção referentes ao anno economico de 1909-1910 e o parecer do conselho fiscal; discutir e approvar algumas alteracões a introduzir no regulamento de subsidios a socios doentes e proceder á eleição dos corpos gerentes para o anno economico de 1910-1911.

Aberta a sessão pouco depois das 2 horas, foi enviado para a mesa um requerimento do socio snr. Antonio Joaquim de Sousa Junior, director do *Grupo Dramatico* anexo ao circulo, para que lhe fosse permittido tratar dum assumpto estranho aquelles para que fôra convocada a assembleia. Tendo sido deferido, o snr. Sousa Junior tratou, com provas documentaes, de desfazer umas referencias particulares que lhe haviam sido feitas pelo primeiro secretario da direcção, mas no uso desse cargo, tendo-lhe sido dadas explicações satisfactorias pelo snr. presidente da direcção, que declarou desconhecer o assumpto, mas explicando o seu modo de ver.

Como sam coisas que só á collectividade interessam, deixamos de as reproduzir.

Tambem pediu a palavra o snr. P.^o Adriaõ Neves Saraiva para explicações sobre se estavam já em poder da direcção umas accões ou obrigações da camara que aquella aggremação adquiriu.

Dadas estas explicações pelo digno presidente, passou-se á leitura do relatório e contas e parecer do conselho fiscal, que foram approvados por unanimidade, e das alteracões ao regulamento de subsidios a socios doentes, havendo, sobre estas, sido pedidas algumas explicações e lembrada a conveniencia de se imprimirem antes de approvadas para serem distribuidas pelos socios e discutidas, depois de convenientemente estudadas, em outra assembleia. Este alvitte, que se nos afigura razoavel, foi proposto pelo socio snr. Sousa Junior, mas não foi approvado por uma pequena maioria, sendo, consequentemente, approvadas as emendas taes como foram apresentadas.

Seguiu-se depois a eleição dos corpos gerentes, que deu o seguinte resultado:

Assembleia geral—Dr. Augusto José Domingues de Araujo, presidente; P.^o João Antonio Ribeiro, 1.^o vice-presidente; Luis Gonzaga Pereira, 2.^o vice-presidente; José Joaquim Vieira de Castro, 1.^o secretario; Joaquim Lopes de Carvalho, 2.^o secretario.

Direcção—Dr. Henrique Cardoso Martins de Menezes, presidente; P.^o João Pedro Peixoto S. de Bourbon, vice-presidente; João Antonio Affonso Barbosa, 1.^o secretario; Manuel da Cunha Machado, 2.^o secretario; José Maria Felix, thesoureiro; Manuel José da Fonseca e Domingos da Silva Branco, directores.

Conselho Fiscal—P.^o Francisco Antonio Saraiva Brandão, João José de Oliveira e João Paulo da Silva, effectivos; Simão Costa, Luiz da Silva Branco e Francisco de Freitas, substitutos.



OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO, PAPELARIA E LIVRARIA

— DE —

António Luís da Silva Dantas

Rua de Payo Galvão — Guimarães

Na officina typographica, montada com cerca de 240 collecções de typos, machinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, taes como: obras de livro e jornaes de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e obito; circulares, memoranduns, facturas, enveloppes e todos os demais impressos para commercio; mappas, mandados de pagamento, talões e varios outros impressos para repartições publicas civis, ecclesiasticas e militares; rotulos para pharmacia; etiquetas para fabricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programmas e bilhetes para espectaculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e chromotypographia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS

Na Officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papeis almaços, finos e de impressão, nacionaes e estrangeiros, objectos de escriptorio, caixas de papel de phantasia em diversos formatos, livros em branco, para commercio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos chimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondencia directa com os mais habéis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RASOAVEIS

Trabalhos perfeitos e rapidos

Bibliotheca religiosa

Obras editadas pela empresa de «A RESTAURAÇÃO» e á venda na Typ. Minerva Vimaranense — Rua de Payo Galvão — Guimarães.

Recordação dos meus estudos

Pelo auctor do *Método para formar a infancia na piedade*. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

1.^a série—Um vol. de 46 páginas em 4.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "
2.^a série—Um vol. de 50 páginas em 4.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

Os beneficios da confissão

Por F. J. d'Ezerville, accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 60 páginas em 8.^o:
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 "
Franco de porte.

Officio da Immaculada Conceição

Texto portuguez com approvação ecclesiastica.

Um folheto de 32 páginas, em bom papel:
Preço 20 reis
Pelo correio, por cada 5 exemplares 10 "

As Bem-aventuranças evangelicas

Postas ao alcance de todos

Pelo Padre Deville, Doutor em theologia. Tradução do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 64 páginas em 8.^o:
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 "
Franco de porte.

Conselhos sobre a educação

Segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 112 páginas em 8.^o:
Em brochura 100 reis
Cartonado 160 "
Franco de porte.

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ides á missa?

Opúsculo altamente louvado por sua Santidade Pio X e traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria, Professor no Seminario-Lyceu de Guimarães. 2.^a edição auctorizada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Arcebispo Primás. 32 paginas, em 8.^o

Preço avulso **30 rs.** franco de porte. Para propaganda, por cada 10 exemplares, remetidos pelo correio, 225 reis. Sendo o pedido de 100 exemplares, inclusive, para cima, faz-se o preço de 20 reis cada um, franco de porte.

OUTRAS OBRAS DIVERSAS

Vida de S. Luis Gonzaga

Modelo e protector da mocidade catholica

Um vol. de 50 páginas, com uma linda capa illustrada que o torna recommendavel para premios á juventude:
Preço 30 reis
Pelo correio 35 "

Burgueses e operarios

Dialogo entre um socialista e um homem de bem

(Versão do francês)

Um volume de 118 páginas em formato elegante:
Preço 80 reis,
Pelo correio 90 "

Nem de mais nem de menos

Romance moral humoristico, por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.

Um vol. de 108 páginas, em 8.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

Izabel

Por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.

Um volume de 156 páginas, em 16.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 reis

A Dictadura

Por Joseph Viand, Ensaio de philosophia social.

Um volume de 116 páginas, formato elegante:
Preço 250 reis
Pelo correio 270 "

O almocreve das petas

Por Spiritus Asper.

1.^a vol., com 128 páginas, em 8.^o:
Preço 80 reis
Pelo correio 90 "

ALEM DOS LIVROS MENCIONADOS HA MAIS:

Bilhetes postaes illustrados

Colloridos, e em preto, variedades de gostos e preços modicos. Collecções da estancia thermal de Vizella composta de 14 exemplares, com 17 vistas escolhidas, optimo cartão e nitida impressão, a 150 reis.

Bilhetes postaes de propaganda religiosa

Com diversas imagens. Preço de cada um, 5 réis. Em series de 20 ou mais exemplares, sortidos, faz-se a remessa franco de porte.

Todas as requisições devem ser dirigidas a Antonio Luís da Silva Dantas e acompanhadas da respectiva importancia, em estampilhas de 25 reis ou vale postal, sem o que não será attendidas.

HIGH-LIFE — ATELIER DA MODA

93, Rua da Rainha, 97 — GUIMARÃES

Estação de verão. Chapéus para senhoras e creanças, segundo os ultimos figurinos de Paris. Exposição permanente. Variadissimo sortido Colletes de espartilho do Atelier portuense "A PRINCEZA,,

PREÇOS MODICOS.

<h3>A RESTAURAÇÃO</h3> <p>SEMANARIO CATHÓLICO</p>		<h3>O Coração de Jesus</h3> <p>SEGUNDO A DOUTRINA</p> <p>DA</p> <p>Beata Margarida Maria Alacoque por um oblato de Maria Immaculada, cappellão de Montmartre.</p> <p>Tradução de R. F.</p> <p>Introdução do Padre J. S. Abranches</p>		<h3>A RESTAURAÇÃO</h3> <p>6.^o anno SEMANARIO CATHÓLICO N.^o 285</p>	
<p>Preço da assignatura</p> <p>(PAGAMENTO ADIANTADO)</p> <p>Anno 1\$300 rs. Semestre 650 " Trimestre 350 " Numero avulso 80 "</p>	<p>Preço das publicações</p> <p>(PAGAMENTO ADIANTADO)</p> <p>Annuncios e communicados, linha 40 rs. Repetição, por linha 20 " Reclamos, até 5 linhas 100 "</p> <p>Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.</p> <p>As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.</p>	<p>Ex.^{mo} Snr.</p>		<p>Pedidos á Administração do <i>Novo Mensageiro</i>, Rua do Quelhas, 6, Lisboa. Preço: um volume de 316 páginas, largamente illustrado, 300 reis; pelo correio, 340 reis.</p>	